

3.1.5 A compreensão da Filosofia Nominalista de Guilherme de Ockham sob o critério da Teoria Semiótica de Charles S Peirce. Mariane Assunção Valadão Otsuka e Rogerio Barrios.

M. A. V. OTSUKA (1).; R. BARRIOS(2)

Acadêmica do curso de licenciatura em Filosofia do Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

E-mail: marianevaladao@gmail.com

Docente e coordenador do Curso de licenciatura em Filosofia do Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

COMO CITAR O ARTIGO:

OTSUKA, M. A. V.; BARRIOS, R. **A compreensão da Filosofia Nominalista de Guilherme de Ockham sob o critério da Teoria Semiótica de Charles S. Peirce.** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.9, n.3, p. 125-136, jul /2019.

RESUMO

Este artigo está sendo baseado na Teoria Semiótica do filósofo contemporâneo Charles S. Peirce que no Séc. XX em seu trabalho lançou nova luz de compreensão sobre o Nominalismo de Guilherme de Ockham desenvolvido no Séc. XIV. A capacidade de abstração da pessoa no século XX e o desenvolvimento do conhecimento nos apresentam nova forma de entender a proposta nominalista para o problema dos universais, através das partes que compõe os signos que são seus ícones, índices, símbolos, objetos e agentes interpretantes. Tudo isso em consonância com o projeto filosófico de Ockham através dos princípios do Nominalismo, apresentados no período da história conhecido como Escolástica.

Palavras-chave: nominalismo, semiótica, Peirce, Ockham, signo.

ABSTRACT

This article is based on the Semiotic Theory of the contemporary philosopher Charles S. Peirce that in the 20th century by means of his work shed new light on the Nominalism of William of Ockham that was developed in the 14th century. The capacity for abstraction of the person in the twentieth century and the development of knowledge present us with a new way of understanding the nominalist proposal for the problem of universals, through the parts that make up the signs that are their icons, indexes, symbols, objects and interpreting agents. All this in consonance with the philosophical project of Ockham through the principles of Nominalism, presented in the period of history known as Scholasticism.

Keywords: nominalism, semiotics, Peirce, Ockham, sign.

INTRODUÇÃO

O problema dos universais foi uma questão muito presente nas produções filosóficas da Idade Média. Seria o universal um termo? Um ente? Como tratar um universal?

Algumas linhas de pensamento foram desenvolvidas por grandes pensadores para estudar a questão. Tais linhas de raciocínio, chegaram a inspirar muito filósofos modernos e contemporâneos. Entre as linhas de abordagem para a questão o pensamento nominalista de Guilherme de Ockham que enfrentou rejeição, e em parte incompreensão, iluminou um grande estudioso do século XX: Charles Sanders Peirce a ponto de estimulá-lo no desenvolvimento de uma nova matéria, nova ciência: a Semiótica.

Como pensamentos com mais de cinco séculos de diferença se intersectam? Em que ponto se complementam e até se respondem? Como a compreensão do homem do século XX lançou nova iluminação sob o prisma de Charles S. Peirce e sua Semiótica para a teoria nominalista de Guilherme de Ockham?

O NOMINALISMO DE OCKHAM

Guilherme de Ockham (1290 – 1349), o influente filósofo do século XIV, foi um frade franciscano inglês, pensador da Escolástica, que acumulou tantos seguidores, quanto opositores de seus pensamentos que eram originais para sua época. Importante principalmente nas áreas da lógica, metafísica e filosofia política foi um dos grandes nomes da filosofia nominalista diante do problema dos universais.

O conceito de universal, aquilo que é comum a todos, surgiu em Platão como uma categoria que é instanciada por particulares.

Universal é aquilo que se aplica à totalidade, que é válido em qualquer tempo ou lugar. Essência, qualidade essencial existente em todos os indivíduos de uma mesma espécie e definindo-os como tais.¹

O problema dos universais se desenvolveu ao longo de toda a Idade Média e contou com quatro linhas de tratamento: o realismo platônico, o realismo aristotélico, o conceitualismo e o nominalismo. Buscavam responder se os universais são coisas ou palavras. Eles existem? Qual sua natureza?

Ockham adotou como linha de pensamento o nominalismo, proposto por Roscelino no séc XII, que indicava que o universal era apenas um nome, uma palavra que sai da boca de alguém e não há uma entidade que os corresponda, são nomes que designam uma coleção de indivíduos.

¹ JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

As palavras, os termos, constroem o pensamento e dão nomes para os decifrar, tornar comum, universalizar o que representam. Sendo assim, o termo em si já dá conta dos universais, e não é necessário a existência de entidades reais universais. Ockham acrescentou ainda que tais nomes existem na mente, independentemente de existirem de forma física.

Sua proposta foi muito influente no século XIV, ele é considerado o patrono da corrente nominalista e influencia a Filosofia até os dias atuais.

Seus opositores, principalmente os realistas que defendiam que os universais eram coisas objetivamente existentes, criticavam duramente a visão que julgavam demasiadamente abstrata de Ockham para a questão.

Para a época, a abstração necessária para entender o que significa dizer que o universal é apenas um nome não era tão presente e poderia conflitar com a questão da existência das coisas, o que era temido, principalmente pela Igreja Católica. Questões do tipo: como a fé não existe? Como pode ser só um nome? Tais questionamentos levava os realistas a se opor ao nominalismo.

A INFLUÊNCIA DE OCKHAM EM PEIRCE

Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), um norte-americano, filósofo, cientista, linguista, matemático, químico e estudioso de diversas outras áreas do conhecimento, foi também um dos fundadores do pragmatismo e um dos nomes mais originais e relevantes de seu tempo e com grande influência entre pesquisadores até os dias atuais.

Em seus estudos, interessado em encontrar formas para tratar a metafísica, insatisfeito com seus contemporâneos, teve influência de pensadores Escolásticos como João Duns Scotus e Guilherme de Ockham, autor no qual se aprofundou chegando a ministrar diversas palestras sobre seu trabalho e possuindo exemplares raros de obras suas.

A observação de Peirce pelo método que os escolásticos colocavam em suas palavras e nos silogismos, bem como a retórica aplicada no período medieval foram decisivos na sua concepção da Semiótica.

Pode-se dizer que o nominalismo de Ockham constitui o período seguinte na formação da opinião inglesa. Assim como o espírito de Scotus discorre sempre sobre formas, o de Ockham o faz sobre termos lógicos. (PEIRCE, 2010, p. 325)

Peirce também foi inspirado por Ockham em sua forma de pensar sobre a lógica da suposição e sobre os signos, que são a base de seu pensamento na Semiótica. Sentia-se próximo de Ockham por terem em comum o estudo de como os termos estão nas mentes com seus conceitos independentemente de uma existência física. Nas críticas ao filósofo também desenvolvia suas teorias. Essa inspiração é um ponto fundamental para o desenvolvimento da semiótica de Peirce.

O SIGNO EM PEIRCE

“Um Leonardo das ciências modernas” (SANTAELLA 1983, pág 11), tendo se dedicado a diversas áreas do conhecimento Peirce iniciou por volta de 1867 seu trabalho em Semiótica, inspirado pela A Crítica da Razão Pura de Kant.

Sua obra é muito extensa e esteve em evolução ao longo de toda sua vida, porém, a Semiótica é o coração da filosofia de Peirce. Como um cientista que era, buscava sistematizar e aplicar Lógica em suas produções.

Não é difícil se perceber, a partir disso, o vínculo que se estabeleceu, no seu pensamento, entre a Lógica e a Filosofia. Para ele, o caminho para a Filosofia tinha de se dar através da Lógica, mais particularmente, através da Lógica da ciência. (SANTAELLA, 1983, p. 13)

Foi trabalhando na Lógica que desaguou na teoria dos signos. Em certa altura chegou a usar Lógica e Semiótica como sinônimos. E na base de tudo isto está o signo.

A Semiótica ou Lógica, por outro lado, tem por função classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis. Isso parece dotá-la de um caráter ascendente sobre todas as ciências especiais, dado que essas ciências são linguagens. (SANTAELLA, 1983, p. 19)

O que é um signo? Ao longo de toda a obra de Peirce existem diversas explicações para determinar um signo. Santaella escolhe:

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante. (SANTAELLA, 1983, p. 35)

Fica claro que a capacidade de abstração para compreensão de tais conceitos precisa ser grande.

Um signo ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é,

cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. (PEIRCE, 2010, p.46)

Um signo é uma coisa que representa outra coisa. Para ser um signo de fato ele precisa carregar em si essa habilidade de representar outra coisa. Não é o objeto, mas representa esse objeto. Como, por exemplo, uma foto de uma caneta, um desenho de uma caneta, a palavra caneta, são todos signos de caneta pois não são a caneta mas carregam consigo sua representação.

Ao longo de seus estudos, Charles S. Peirce foi categorizando e aprofundando sua compreensão e explicação sobre o signo e suas qualidades. Um trabalho ao qual se dedicou nos finais 30 anos de sua vida. Por hora, a explicação sobre sua capacidade de representar algo já nos basta para entendermos como foi possível a essa teoria trazer nova iluminação ao nominalismo de Ockham.

A COMPREENSÃO DE OCKHAM SOB A ÓTICA DE PEIRCE

Além da clara influência já mencionada de Ockham em Peirce, é possível observar que a teoria do signo, apresentada por C. S. Peirce consegue se aproximar do pensamento nominalista de Ockham e nos presentear com uma nova visão sobre tal pensamento.

No nominalismo de Ockham, as palavras não precisam ser objetos concretos, pois os nomes são as representações, tudo isto está em nossa mente. Já em Peirce temos: “Tal é o caso de qualquer elocução de discurso que significa aquilo que significa apenas por força de compreender-se que possui essa significação”. (PEIRCE, 2010, p.74)

E ainda ao mencionar Ockham:

Ockham sempre pensa em uma concepção mental como sendo um termo local, o que, ao invés de existir no papel, ou em uma voz, está na mente, mas é da mesma natureza geral, quer seja, um *signo*. A concepção e a palavra diferem em dois aspectos: primeiro, a palavra é arbitrariamente imposta, ao passo que a concepção é um signo natural; segundo, uma palavra significa o que quer que signifique apenas indiretamente, através da concepção, que significa a mesma coisa diretamente. (PEIRCE, 2010, p. 323)

Se olharmos para o nominalismo de Ockham sob o prisma da explicação de Peirce sobre o que é um signo e sua formação em nossa mente, enquanto pensamento, podemos ser levados a entender o que Ockham pensava sobre as coisas serem apenas nomes. E não tendo em “apenas” uma interpretação diminuidora, mas serem apenas nomes, enquanto presentes em nossa mente, abstratos.

Ao falarmos, ou lermos, a palavra casa já é formada em nossa mente uma imagem, uma ideia, um conceito. Não é preciso ver uma casa, não é preciso estar em uma casa para que a casa seja compreendida, pois ali, no exato momento da vocalização, sua essência, seu conceito é evocado. De forma universal, casa é um nome de algo aprendido comum a todos, universal, ainda que haja interpretações individuais de tal nome.

Não fica distante aproximar a ideia de que: se para Peirce tudo é signo, para Ockham tudo é nome.

Com o trabalho aprofundado de Peirce podemos abrir a janela da nossa mente não somente para a compreensão do que temos hoje, mas também revisitarmos a obra de Ockham, que embora não imaginasse que viria a existir tal compressão no futuro, já possuía uma capacidade

de abstração e hoje podemos compreendê-la de forma ainda mais interessante.

Ockham e Peirce, além da lógica e da metafísica, entre muitas outras coisas tinham em comum a originalidade no pensamento, muitas vezes aparentemente deslocados em seu tempo.

A obra de Peirce ao longo de sua vida esteve sempre em evolução. Sendo uma abordagem metafísica e partindo de uma ideia em que nossas dimensões, abstrações e compreensões evoluam, será possível termos pensadores originais no século XXI, XXII ou adiante para enxergar tais questões da mente e seus conceitos com outra iluminação?

Serão tais conceitos e pensamentos universais ainda mais mutáveis? Por quais caminhos a semiótica, a filosofia, a antropologia, a neurologia, a psicologia, irão trilhar descobertas sobre a compreensão de tais questões?

Em um mundo em que vivemos rodeados de tecnologia que possui sua programação e lógica baseadas em inteligências para que a máquina compreenda os sistemas de signos, evoluir nessa compreensão nos ajudará a produzir uma capacidade de inteligência artificial ainda mais desenvolvida? Aonde essa compreensão dos signos poderá nos levar?

BIBLIOGRAFIA

ECO, Umberto. *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5ª edição, 2014.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia - dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2008.

NYE JR, Joseph S. *Compreendendo os conflitos internacionais – Uma introdução a teoria e a história*. Lisboa: Gradiva, 2002a.

_____ *O Paradoxo do Poder Americano*. São Paulo: Unesp, 2002b.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010

SANTAELLA Lúcia. *O que é semiótica*. 27. reimpr. da 1. ed. de 1983. v. 103. São Paulo: Brasiliense, 2008b. (Coleção Primeiros Passos).
